



## **Jornal utilizado como recurso pedagógico na Escola Estadual Hortênsio de Sousa Ribeiro em Campina Grande <sup>1</sup>**

Claudeci Ribeiro da Silva<sup>2</sup>  
Silvana Torquato Fernandes<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A questão da inserção dos meios de comunicação no contexto escolar é uma premissa na qual os professores não podem negar. Este trabalho tem o objetivo de descrever o uso do jornal em sala de aula na Escola Estadual Hortênsio de Sousa Ribeiro (Premen), em Campina Grande. A experiência foi desenvolvida pela professora de Língua Portuguesa, Lusinete Lima, com alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio. A atividade com jornal sem sala de aula acontece há sete anos entre os jovens permitindo que eles desenvolvam a cidadania e a leitura crítica, tornando-se mais conscientes da realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornal, comunicação e educação

### **INTERFACES COMUNICACIONAIS**

Os padrões econômicos, culturais e sociais que predominam hoje são muito diferentes dos padrões que regeram a vida de nossos pais e avós. No tempo deles, a produção de bens era o mais importante e, por isso, a matéria-prima e os processos fabris eram os principais recursos da economia. Hoje, a produção de informação é o mais importante, e os meios de comunicação se tornaram um recurso fundamental nos processos produtivos. Isso é uma mudança enorme na vida das pessoas, quer dizer, hoje existem formas novas de produzir, de pensar, de trabalhar e de viver. É claro que essas mudanças não são fáceis, nem acontecem de um dia para o outro. Assim, há segmentos da sociedade que já estão operando dentro dos padrões pós-industriais, como a comunicação de massa, e outros que ainda permanecem atuando de acordo com os padrões anteriores, como o sistema escolar, de forma geral.

Os meios de comunicação interagem continuamente no cotidiano do cidadão. No imaginário popular, o que importa é como a mídia descreve, interpreta, fotografa e divulga o mundo. Se não saiu na mídia não aconteceu. A mídia pauta o mundo e forma ou deforma mentalidades. (CALDAS, 2002, p. 136)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática (DT) 06 – Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho 2010

<sup>2</sup> Mestre em Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: claudeci-ribeiro@bol.com.br

<sup>3</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), email: silvanatorquato@gmail.com



Essa presença inevitável dos meios de comunicação nas vidas das pessoas está delineando uma nova realidade, isto é, a mídia está tão presente no dia a dia que é indiscutível a sua importância, por isso é preciso repensar a comunicação e a educação nesse novo cenário, já que elas são complementares. Essa nova configuração e expansão dos meios de comunicação estão desenhando uma nova forma de pensar os conceitos que englobam o ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Gaia (2001) lembra que nas primeiras décadas do século XX, os meios de comunicação não eram vistos com interesse pedagógico, e muitos estudiosos achavam que um meio extingiria o outro, mas hoje, ao contrário do que se imaginou ao longo dos anos, isso não aconteceu. No entanto, como observa Cebrian (1999, p. 41-42, apud GAIA, 2001),

A própria história da comunicação demonstrou-nos que os meios se complementam, nem o rádio acabou com os jornais, nem a televisão com o rádio ou cinema que, por sua vez, tampouco decretou a morte do teatro. Porém, não apenas os meios, mas também as tecnologias se complementam. (Ibid, p. 41)

Gaia (2001) ainda diz que todos esses meios integram a rotina da grande maioria das pessoas, e por isso não podem ser ignorado pelo espaço escolar. O trabalho com o uso da mídia em sala de aula é justamente uma possibilidade de levar o aluno a ter acesso a conhecimentos genéricos que podem ser em alguns casos aprofundados.

Esse novo propósito de apreender as inter-relações entre os campos da comunicação e da educação é remontado às décadas de 30 e 40, em que deriva das inquietudes geradas pela expansão da mídia no século XX. “A crescente presença da imprensa escrita, do rádio e, finalmente, da televisão, mostrava que se estava desenhando uma nova configuração nos conceitos de ensino-aprendizagem, de educação, de conhecimento”. (CITELLI, 2002, p. 101-102).

Nesse sentido, Kunsh (1986) discute a inter-relação já na década de 1980, quando ela defende a seguinte assertiva.

A escola não pode mais ficar distanciada dos meios de comunicação, que, exercendo hoje uma influência decisiva, educam mais que a própria escola. Educadores e comunicadores devem assumir uma postura crítica frente ao papel reprodutivo da escola e dos mídia da ideologia dominante e, por outro lado, têm que levar as pessoas a fazer uma leitura crítica das mensagens veiculadas, a desvendar as tramas da comunicação. (KUNSH, 1986, p. 8)

Freire (2000) entende que a educação e comunicação não podem caminhar dissociadas, uma vez que os dois processos apresentam similitudes e equivalências. “Se



a educação é provocar mudanças, conseguir atenção, manejar a informação e interpretar o feedback (resposta do aluno) isto é comunicação. Por sua vez a comunicação dispõe-se a exercer estas mesmas funções como imperativo da sua natureza intrínseca”. (Ibid, p. 32)

A autora ainda cita que as semelhanças entre ambas se devem pelo fato da educação e comunicação serem sistemas dinâmicos, abertos e modificáveis de persuasão, além de possibilitar informação entre dois ou mais indivíduos na comunicação entre professores, estudantes, no caso da educação.

É importante também que os educadores acompanhem de perto os passos da implantação das tecnologias da comunicação dentro da escola, mas também a entendê-la em toda a sua dimensão política, econômica e social. Kunsch (1986) ressalta dizendo que a escola, enquanto geradora de conhecimentos, deve interpretar os fatos em uma perspectiva da dinâmica do dia a dia, estampada nos meios de comunicação, devendo, portanto, a educação e a comunicação andar juntas na construção de uma sociedade mais crítica, participando mais ativamente dos destinos da nação, na construção de uma democracia plena.

Com a abrangência dos meios de comunicação, tornam-se imensos os desafios que o campo da educação tem que enfrentar, tanto do ponto de vista da intervenção, definindo e implementando políticas públicas, como do ponto de vista da reflexão, ou seja, da construção de conhecimento apropriado à utilização adequada dos meios com fins educativos. Belloni (2001) corrobora com esse pensamento dizendo que

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando. (BELLONI, 2001, p. 10)

Apesar de se entender a importância das contribuições dos meios de comunicação para a educação, muitos educadores ainda não compreenderam a função educativa da mídia, Gómez (1998) ressalta afirmando que ainda permeia o pensamento de que o educativo é somente o que se ensina, o que todos dizem que vale a pena ser ensinado às novas gerações. “Acreditam que somente o instrutivo é educativo, sentem-se em competição com a televisão, porque a televisão não tem a pretensão de ensinar e, apesar disso, está ensinando, coisas boas e ruins também”. (Ibid, p.8)

Hoje, para que a escola sobreviva no contexto atual, ela precisa considerar esse mundo fortemente mediado pelas relações comunicacionais, na sua dupla face de



sedução e desconforto. Até um certo tempo, anterior à existência dos meios de comunicação, a escola poderia ser considerada com exclusividade a instituição que forma sistematicamente os indivíduos, entretanto, hoje, os meios de comunicação também estão desempenhando um importante papel educativo, transformando-se na prática, em uma segunda escola, paralela à convencional.

Citelli (2002) corrobora dizendo que as chamadas “escolas paralelas” estão pressionando o sistema educativo formal e requisitando dele novas práticas e compreensões dos fenômenos históricos e culturais já não mais limitados ao ritual dos discursos pedagógicos, segundo tradicionalmente veiculado pelas instituições escolares. A expressão “escola paralela” aparece pela primeira vez, com grande repercussão, em uma série de artigos assinados pelo sociólogo George Friedmann, publicados em janeiro de 1966 pelo jornal francês *Le Monde*.

Freire & Guimarães (1984) afirmam que em 1974, o sociólogo e professor francês Louis Porcher publicava sua primeira edição de *L'école parallèle*, em cuja introdução definia que a “escola paralela” é constituída pelo conjunto dos circuitos graças aos quais chegam aos alunos (bem como aos demais), de fora da escola, como informações, conhecimentos, uma certa formação cultural, nos mais variados domínios.

Para Citelli (2000), o importante, no momento, é destacar o fato das chamadas “escolas paralelas” estarem pressionando o sistema educativo, requisitando dele práticas e compreensões já não mais circunscritas ao discurso pedagógico, segundo tradicionalmente transmitido pelas instituições escolares.

Já Moran (1994) diz que os meios de comunicação desempenham também um importante papel educativo, transformando-se, na prática, em uma segunda escola, paralela à convencional. Para o autor, os meios são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente e voluntária e refletem, recriam e difundem o que se torna importante socialmente tanto ao nível dos acontecimentos (processo de informação) como do imaginário (são os grandes contadores de histórias, através das novelas, seriados).

Os estudos da comunicação e educação possuem a pretensão de formar profissionais capazes de usar os recursos da comunicação no processo do ensino/aprendizagem, para que solucione o distanciamento existente entre a escola e os meios de comunicação, e contribua para um ensino mais motivador e de acordo com a realidade dos educandos.



## OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA

No cenário escolar, durante décadas, a discussão sobre mídia era assunto para a hora do intervalo, entretanto, temos a midialidade como uma das marcas mais significativas da nossa sociabilidade. Os meios de comunicação apresentam a cada dia facetas de uma realidade dinâmica, viva e contemporânea, por isso que Freire & Guimarães (1984, p.94) dizem que “é absolutamente natural que esses meios exerçam uma função motivadora muito mais eficaz, ainda que se critique a qualidade de seu conteúdo ou se questione o sentido educativo de sua programação”.

O uso desses meios deve estimular um reestudo da situação escolar e de suas condições motivadoras. O esforço de renovação de programas escolares obterá maior êxito se decide levar em conta as conquistas realizadas pelos meios, buscando-se neles elementos que possam ser úteis em sala de aula.

Rompendo barreiras impostas pela distância, os meios de comunicação penetram indistintamente nas mais diversas regiões povoadas do planeta, e com isso, o homem contemporâneo está tendo à sua disposição, mais que em quaisquer outros tempos, meios de eficiente contato com distintas dimensões da realidade. Isso lhe permite ampliar profundamente o universo de seus conhecimentos, ao mesmo tempo em que altera os limites de sua vivência.

A presença massiva dos meios eletrônicos e de comunicação em nossas vidas vem alertando aos educadores para sua importância na transmissão/construção de conhecimentos, valores, conceitos e culturas, porque somos constantemente bombardeados por informações que nos chegam sob diferentes apelos sensoriais como os visuais, auditivos e emocionais.

E mesmo que algumas instituições escolares, conscientes das contribuições presentes na sociedade e, conseqüentemente na escola, incorporem em seu contexto meios de comunicação, entendidos como recursos facilitadores do trabalho docente, para Porto (1998), na instituição escolar falta uma “reflexão contextualizada sobre a realidade representada pela presença da comunicação na sociedade contemporânea, uma reflexão que supere o inócuo deslumbramento frente às novas e sempre mutantes tecnologias”. (SOARES, 1995, p.44, apud PORTO, 1998, p.26)

Falta também uma reflexão conduzida a partir das contradições construídas pelo sistema dos meios de comunicação para que o sujeito possa se expressar democraticamente nos espaços da escola e da sociedade. Melo (2006) observa esse



pensamento dizendo que de maneira mais abrangente, é preciso que os professores se preocupem na formação de cidadãos críticos, uma vez que ao ser professor é ter a responsabilidade com a ordenação das ideias, bem como com a língua na qual se insere. “Não é à toa que vemos, por exemplo, alunos que apresentam problemas na resolução de problemas matemáticos porque não conseguem entender os enunciados”. (Ibid, p.127)

Dentro desse aspecto, Guareschi (2005) observa que

A educação não pode se restringir a preparar as pessoas para o mercado de trabalho. O ensino não pode ser reduzido a um simples processo de treinamento, um aprendizado que se exaure precocemente. Na expressão de Milton Santos (1999), uma escola que não forme verdadeiros cidadãos tornar-se-á um celeiro de deficientes cívicos. (Ibid, p.33)

Quando se fala em introduzir a mídia na escola, como objeto de estudo e de reflexão, se refere a um trabalho educativo com os meios de comunicação, transformando a informação midiática em conhecimento de conteúdo educacional e de interesse de professores e de alunos.

Para Guareschi (2005), com a gama de informações que nos chegam diariamente, é necessário saber lidar com esse impacto e dar um significado a cada mensagem recebida, ou seja, interpretá-las, integrando-as em sua visão de mundo, pois, hoje, esse processo é uma tarefa inevitável dos sujeitos modernos. “Alguma realidade, algum fato, nos dias de hoje, existe ou deixa de existir, se é ou não veiculado pelos meios de comunicação. A mídia tem na contemporaneidade, o poder de instituir o que é ou não real, existente”. (Ibid, p.42)

Por isso que o material produzido pela mídia precisa ser incorporado na educação, servindo não apenas como fonte em diferentes disciplinas, mas, sobretudo contribuindo na construção da cidadania. Conforme Napolitano (1999, apud GAIA, 2001), a escola não deve minimizar a importância dos meios de comunicação no dia a dia das pessoas, mas efetuar uma construção de um conhecimento crítico que valorize os conhecimentos que o aluno adquire nesse campo específico.

## **JORNAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO**

O jornal se constitui como uma das muitas modalidades da palavra social. Traduz, em palavras impressas, a pulsão expressiva e socializante do homem. O jornal pode ser considerado como uma testemunha da história e da cultura de uma sociedade, desde o seu aparecimento durante o século XV. Mas, por meados do século XVII, é que



os jornais levaram até a população em geral fatos que lhe permitiam o desenvolvimento de uma consciência de cidadãos conhecedores de seus direitos.

Para Breton (1998, apud FREIRE, 2000), o aparecimento do jornal contribuiu para o recuo do analfabetismo e a formação de opinião, uma vez que era lido e comentado nos circuitos de discussões públicas, trazendo para conhecimento de muitos as mudanças políticas que ocorriam à época. O jornal também pode ser considerado como memória impressa das vivências de personagens nos acontecimentos significativos para a sociedade.

O advento da impressão gráfica, lembra Pontual (1999), na Europa do século XV, embalou a consolidação da linguagem verbal como forma privilegiada de registrar e documentar determinadas codificações da realidade. Esta descoberta teve fundamental importância para o surgimento de um jornal regularmente publicado, por volta de 1609, na Alemanha, e do posterior desenvolvimento vertiginoso de veículos de comunicação cada vez mais aperfeiçoados.

Diante de uma mídia de um absurdo poder de influência sobre o processo pedagógico, é mais do que necessária a implementação de uma educação participativa, criativa, construtiva, profundamente sensibilizadora, que tenha capacidade de se apropriar dos signos da cultura de massa e possibilitar uma reflexão do que eles apresentam.

Para Freire (2000), a utilização do jornal, por suas características informativas, narrativas e esclarecedoras dos fatos e acontecimentos, transforma-se também em instrumento educativo. A autora observa que o jornal pode e deve caminhar em uníssono com a educação, pois proporciona recursos diferentes para o aprimoramento de redação, leitura, investigação, análise de textos e de contextos.

A introdução do jornal na sala de aula, conforme ressalta Adair (1995, p. 123, apud GAIA, 2001), é uma prática mais antiga do que podemos imaginar. Segundo a autora, na Espanha, em fins do século XIX, já se discutia a possibilidade de introduzir o jornal na escola, ao invés de simplesmente da leitura de Cervantes.

Essa proposta que não é nova, mas que se constitui sempre um desafio, pode transformar-se numa alternativa a professores de todas as áreas, desde que o percebam a contribuição que pode oferecer, não somente do ponto de vista de conteúdo e programas, mas também do ponto de vista da cidadania. Isso implica estimular o aluno, e também a si próprios, ao exercício de criticidade em relação ao que é publicado diariamente nos jornais. Um fato a considerar é que o uso do jornal na escola é favorecido pela sua essência multidisciplinar. (GAIA, 2001, p.70)



Gaia (2001) ainda diz que, quando considerarmos a sala de aula como um local de comunicação, entendemos que tanto a leitura quanto a produção de textos são atividades indispensáveis em sua rotina. Segundo Herr (1997a, apud GAIA, 2001), enquanto ler é possibilidade de estabelecer relações, seja com universos, personagens, modos de pensar ou outras informações de forma que seja possível compreendê-las, produzir é a transmissão de informação para repartir, ou com um público vasto ou restrito, impressões e ideias.

Ler e produzir então se configuram como atos de comunicação, mas nem todos os alunos terão o desejo espontâneo de estabelecer essas relações. Daí a contribuição que a escola pode efetivar, através da leitura de impressos e da produção do jornal escolar.

Para Pontual (1999, p.18), “ser leitor é poder entender e ampliar a compreensão do mundo, é estar em permanente relação com o eu/outro”. A autora ainda observa que ler pode ser considerado como um engajamento existencial que deve ser despertado no indivíduo desde muito cedo, no início de sua trajetória humana. Por isso tem de acontecer pelo viés do lúdico, do prazer, da brincadeira gostosa na qual se vai jogando com todos os fantasmas do inconsciente.

Por isso que a formação do leitor se torna essencial no processo educacional, porque ler amplia o significado da nossa existência e nos contextualiza no mundo. Se o educando for despertado como leitor de diversos textos que a produção humana oferece, então terá toda a possibilidade de ser leitor de mundo, com toda a capacidade de produzir, sendo elemento ativo no processo de comunicação.

E a escola deve estar associada à realidade, à vida comunitária, abrindo seus portões para que os acontecimentos pulsantes da vida, as descobertas recém lançadas dos laboratórios entrem nas salas de aula, permitindo que os alunos se interessem, discutam e se sintam participantes do processo dinâmico da vida social.

Dentro desse contexto, o jornal é considerado por Pontual (1999), como um livro diário que coloca frente aos nossos olhos todos os dias uma porção de todas as culturas do mundo. A autora ressalta ainda que a escrita impressa nos colocou diante de uma revolução de ideias de maneira tão crescente que somos agora muito mais do que leitores de livros. Estamos antenados e conectados com o mundo através de várias formas de expressão.





Na atualidade, existe não somente uma tendência, mas também uma necessidade de se criar na sala de aula um espaço para a discussão e debates em grupo. Assim, cria-se uma dinâmica de leitura compartilhada. O universo de leitura é ampliado e não apenas o livro é objeto e veículo para especulações e conhecimento, mas também toda a forma de transmissão de comunicação. Nesse sentido, o jornal passa a ter importante papel na prática pedagógica, como lembra Costa (1997) dizendo que,

O ensino centralizado só no livro didático perde o contato com a realidade cotidiana, com a atualização das informações. Por outro lado, livros didáticos, técnicos e de pesquisa se fazem necessários para dar subsídios para se compreender melhor a realidade”. O livro didático tem a função de sistematizar o conhecimento, facilitando a compreensão do aluno sobre conteúdos considerados básicos. “Assim, um não exclui o outro, pois cada um tem sua função e natureza própria. São complementares. (Ibid, p. 20)

Há também muitos questionamentos se a televisão e outros sistemas eletrônicos irão acabar com o jornal. Crianças e jovens, principalmente, se prendem mais à TV. Porém, cabe à educação mostrar ao estudante a natureza diferente dos dois processos informativos. “A grande diversidade de abordagens contida no jornal favorece o relacionamento com qualquer disciplina, dependendo da capacidade perceptiva e criativa do professor e dos alunos”. (COSTA, 1997, p.25) É preciso que se desenvolva nesses estudantes a conscientização a necessidade de se manterem informados, de enriquecerem seu patrimônio cultural. Afinal, estamos na era da informação.

Por isso que não basta incentivar somente o gosto pela leitura, é primordial que se desenvolva nos alunos a capacidade de bem interpretar o que leem, em um processo de amadurecimento da leitura crítica. E a escola se enquadraria como um espaço privilegiado para a formação de um leitor crítico. Segundo Bakhtin (1979, apud CHIAPPINI, 2000), a formação de leitores críticos é relevante porque está fundamentada na noção de democracia. “Afinal, a linguagem não é utilizada apenas para transmitir informações, mas, e, sobretudo, para firmar interesses, estabelecer níveis de dominação, fazendo do mundo dos signos uma arena onde são travadas as mesmas batalhas encontradas no mundo dos homens”. (Ibid, p. 86)

### **EXPERIÊNCIA NA ESCOLA HORTÊNSIO DE SOUSA RIBEIRO (PREMEN)**

Uma experiência que mostra a utilização do jornal impresso na sala de aula como meio de comunicação que ajuda a construir a cidadania da juventude acontece há



sete anos na Escola Estadual Hortênsio de Sousa Ribeiro (Premen), no bairro do Catolé, em Campina Grande. A professora mestre, Lusinete Lima Bezerra<sup>4</sup>, da disciplina Língua Portuguesa, com o intuito de abordar na sala de aula temas atuais e que fazem parte do dia a dia dos alunos trabalha com notícias, reportagens e artigos do **Jornal da Paraíba e Diário da Borborema**<sup>5</sup>, com circulação Estadual e na cidade de Campina Grande, respectivamente, para desenvolver a cidadania dos estudantes e tentar mudar a realidade da cidade onde residem.

A metodologia utilizada com os 152 estudantes dos 2º e 3º anos do ensino médio, na faixa etária entre 15 e 19 anos é a seguinte: os alunos trazem a sugestão do tema para a sala de aula (a exemplo de drogas, pedofilia, gravidez na adolescência e poluição do meio ambiente); escolhem o tema para trabalhar e a partir daí a professora recorre às notícias, reportagens e artigos publicados nos jornais sobre o assunto. Após essa primeira fase, a professora trabalha a estrutura do texto e leitura. Dedicar dois dias de debate, oportunidade que os alunos também trazem para a sala de aula entrevistas ou reportagens de outros meios de comunicação, como televisão e internet.

O jornal é, certamente, um veículo fundamental na escola por possibilitar muitos caminhos, além de ser sedutor porque representa a vida no seu cotidiano. Como aponta Kunsch (1986), o uso dos meios de comunicação, em geral, do ponto de vista pedagógico, exige um esforço que vai além daquilo que se manifesta pela própria comunicação. É o esforço de apropriação crítica daquilo que foi comunicado e isso exige assimilação, o que implica não só a apreensão da mensagem, mas, sobretudo, o entendimento do objeto que foi comunicado.

Tomando como referência o pensamento de Kunsch percebemos que o trabalho na Escola Hortênsio de Sousa Ribeiro, além de estimular a produção de uma notícia sobre o tema, tentando aproximar o texto ao do jornal traz para sala de aula temas do cotidiano do aluno que ajudam a despertá-los e conscientizá-los da problemática. Um exemplo são os textos sobre lixo e poluição do meio ambiente produzidos pelos próprios alunos como veremos a seguir:

---

<sup>4</sup> Metodologia de ensino faz parte da pesquisa de mestrado da professora Lusinete Lima Bezerra intitulada “Ensinar a escrever escrevendo: no ensino médio, que metodologia utilizar?” realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no ano de 2003.

<sup>5</sup> O Jornal da Paraíba foi fundado em 5 de setembro de 1971 na cidade de Campina Grande e desde 2001 tem circulação estadual. O JP é dividido em três cadernos: 1º Caderno que traz matérias de política, economia, concursos e geral, além de artigos, charge e editorial; 2º Caderno com publicação de matérias de cidades, policiais e esportes; e o 3º Caderno Vida & Arte voltado para a cultura.

O Diário da Borborema foi criado no dia 2 de outubro de 1957, como resultado de uma promessa feita por Assis Chateaubriand ao povo de Campina Grande. O formato atual do jornal é *berlinder*. O DB possui as seguintes editorias: últimas, política, economia, cotidiano, cultura, brasil, mundo e esportes.



### Exemplo 1

A poluição está poluindo a frente de um grupo escolar com lixo, que está causando doenças principalmente em crianças que gostam de brincar perto do lixo, isto no bairro do Geremias. Algumas pessoas foram até a curadoria do meio ambiente reclamar e pedir providências como multar que jogar o lixo em frente ao grupo escolar ou em outros terrenos.

Alguns moradores pedem também que o carro do lixo passe nestes locais com mais frequência para que este lixo não se acumule. A curadoria determinou que fosse um fiscal para averiguar esta denúncia e multar quem fosse pego jogando lixo, com este fiscal os moradores disseram que iria melhorar muito e o número de doenças ia diminuir. (E.N.A)<sup>6</sup>

Neste exemplo, a professora Lusinete percebeu que o aluno tentou escrever uma notícia, orientando-se pela estrutura da notícia e utilizando as perguntas que devem vir presentes no lead: o quê?, quem?, quando?, onde?, como? E por quê?. A professora analisou o texto e concluiu que o estudante demonstrou compreender o que é uma notícia e como esse texto se organiza. Outro aspecto que a docente verificou no texto foi que o aluno discute questões ambientais como poluição ambiental e as medidas que normalmente a sociedade toma para amenizar ou solucionar o problema, questões que se relacionam diretamente com a vida do aluno.

Este exemplo, assim como outros textos produzidos pelos estudantes, resultaram em um jornal escolar intitulado “Pesquisa & Informação”. Após feito este trabalho, Lusinete (2003, p.101) afirma que “a falta de revisão dos conteúdos e de metodologias de ensino é o fator principal para que não se avance no ensino de língua portuguesa”.

A base do que se ensina na escola está decididamente na norma culta e na metalinguagem e isto não é suficiente para atender às necessidades do cidadão brasileiro, no que diz respeito à leitura e à escrita. Contudo, para se revisar conteúdos e metodologias de ensino, é necessários que o professor tenha formação adequada e continuada, somente assim ele pode incorporar à sua prática teorias do conhecimento já disponibilizadas e construir um ensino que atenda ao aluno hoje. (Ibid, p.101)

Gaia (2001) diz que os professores que tiverem interessados em uma pedagogia, em que se utiliza os meios de comunicação, precisam aprender a utilizar a mídia não como resolução dos problemas impostos pela prática didática, mas como proposta que traga uma fonte de aprendizado a mais para ser trabalhada em sala de aula. O fundamental nessa prática é que se cultive a leitura crítica de mundo, que se faz ao longo das páginas, visualizando os mais variados aspectos da realidade. Muitas

---

<sup>6</sup> Notícia produzida pelos alunos de Lusinete Lima e analisada na dissertação “Ensinar a escrever escrevendo: no ensino médio, que metodologia utilizar?”.



atividades podem ser desenvolvidas, não se esquecendo, porém, que a liberdade de opção para o aluno percorrer o jornal todo e se deter nos assuntos de maior interesse deve ser uma constante, tal qual acontece na vida diária. O professor habilidoso irá criar estratégias para ampliar o leque de interesses do estudante, despertando sua curiosidade para novos aspectos.

Durante o desenvolvimento dos trabalhos em sala de aula utilizando o jornal, Lusinete dedica 15 dias em cada bimestre para trabalhar temáticas atuais presentes na mídia impressa. Dessa forma, outra questão que a professora está atenta e discute com os estudantes é a questão da leitura crítica. Segundo Lusinete, durante as atividades, os alunos analisam como cada jornal trabalha com determinado assunto e debate sobre os variados aspectos da notícia, sem levantar o debate político.

O desenvolvimento da capacidade de seleção e crítica da informação está intimamente ligado ao papel do professor em sala de aula. É ele que pensa e organiza situações, estimula a curiosidade para a formação do leitor que, através das informações, amplia seu horizonte cultural, desenvolve a sensibilidade para o aprofundamento dos fatos e estabelece relações. O professor é o elo entre a informação e o entendimento. (TREVISANI, et al, 1998, p. 20)

Por ser um material diário, o jornal oferece informação atualizada, por isso que a utilização do jornal tem de ser viabilizada pelo professor de maneira muito responsável, pois vale lembrar que, mesmo tentando ser isento de algum critério de valor, o jornal representa, de certa forma, o momento histórico-social. Com isso, ele não deve fechar-se em opiniões, mas possibilitar ao leitor a reflexão e o questionamento.

Atualmente, é difícil estabelecer um diálogo com alunos sobre seu dia a dia sem que surjam inevitavelmente comentários sobre tais programas, músicas, anúncios publicitários e outros elementos veiculados nos meios de comunicação. O que se prega hoje não é o fim da escola, é uma instituição escolar que se manifeste à altura das novas exigências sociais, históricas, que vivenciamos hoje em dia. A escola precisa se renovar e deixar de ser um espaço fabricante de memórias repetitivas, para ser um espaço comunicante, utilizando os meios de comunicação como auxiliares pedagógicos.

## **CONCLUSÃO**

Entendido o papel singular que os meios de comunicação passaram a exercer no mundo contemporâneo, novos desafios estão surgindo e colocando as práticas pedagógicas escolares a serem repensadas, modificando os seus modelos de ensino-aprendizagem ora utilizadas por muitas instituições, antes centralizadas apenas no livro



didático ou no quadro e giz. O jornal impresso está inserido neste contexto, pois contribui para melhorar a construção da escrita, além de despertar o pensamento crítico do aluno em relação aos temas trabalhados em sala de aula.

Com base na visita realizada à Escola Premem, no bairro do Catolé, em Campina Grande, observamos que o jornal também funciona como fonte de consulta atualizada e serve para aproximar os alunos da realidade, tendo potencial para contribuir na formação do leitor crítico e do cidadão. Sujeitos conscientes que construam um sentido através das palavras e suas relações dentro de um determinado contexto. A juventude passa a ser também agente multiplicadora, a se preocupar com o meio ambiente e dar mais atenção ao lixo que produzem cotidianamente, por exemplo.

A partir do exposto podemos dizer que as notícias ou reportagens podem ser utilizadas como recurso auxiliar no processo de ensino-aprendizagem a partir do momento em que os seus textos e seu conteúdo editorial sejam analisados também criticamente pelos alunos. Nesse sentido, o aluno também está aprendendo a fazer escolhas críticas em relação ao que quer ler denotando a liberdade de escolha. É fundamental ressaltar que as leituras provocam os alunos para questões próximas a eles, pois dizem respeito direta ou indiretamente às suas vidas, demandando posicionamento crítico, o que colabora para a formação cidadã.

Mas, vale destacar que os meios de comunicação servem à apropriação do conhecimento, mas eles não a realizam. A apropriação do entendimento é realizada pelo sujeito do conhecimento, na sua intimidade cognitiva. Nesse sentido, Vianna (2001) afirma que:

Alunos e professores precisam adquirir o hábito da análise, da crítica e da constatação. Não para contestar simplesmente, mas reunir argumentos que demonstrem os diversificados aspectos de um dado discurso, tanto favoráveis quanto contrários. A mídia é um suporte importante nessa trilha cognitiva. (VIANA, 1996, apud GAIA, 2001, p.82)

A análise do jornal não deve-se resumir em fazer um julgamento moral sobre a notícia lida, a partir de questionamentos sobre a opinião dos alunos no parâmetro do certo ou errado, do justo ou injusto. A complexidade do comportamento social, político e econômico contemporâneo não pode ser simplificada através da cristalização do bem e do mal. Questões desse tipo, além de inadequadas, passam para o segundo plano ou mesmo comprometem o entendimento das relações sociais em suas contradições.



Durante sete anos, após a conclusão da pesquisa de mestrado da professora de Língua Portuguesa, Lusinete Lima Bezerra, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no ano de 2003, que recebeu o título “Ensinar a escrever escrevendo: no ensino médio, que metodologia utilizar?”, as atividades em sala de aula da Escola Estadual Hortênsio de Sousa Ribeiro (Premen), no bairro do Catolé, em Campina Grande, passaram a ter um nova dinâmica. O uso do jornal impresso em sala de aula e debates sobre os temas atuais com a liberdade de escolha dos alunos permitiram que a comunidade escolar desenvolvesse a cidadania e passasse a observar os problemas da sociedade com outra visão.

O jornal é, certamente, um veículo fundamental na escola por possibilitar muitos caminhos, além de ser sedutor porque representa a vida no seu cotidiano, dando respeito à experiência real.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (coleção polêmicas do nosso tempo; 78)

CALDAS, Graça. **Leitura Crítica da Mídia: educação para a cidadania**. Comunicarte. volume 1, número 1, 2002. Campinas. Pontifca Universidade Católica (PUC-Campinas). Centro de Linguagem e comunicação

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e Educação: aproximações. In: **Gestão de Processos comunicacionais**. Maria Aparecida Baccaga (org.). São Paulo: Atlas, 2002

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e Educação: a linguagem em movimento**. Editora SENAC, São Paulo, 2000

COSTA, Sílvia. **O jornal na educação: considerações pedagógicas e operacionais**. Santos; s.c.p., 1997, 2ª edição

**Escola com sabor. Uma pedagogia para os meios de comunicação**. Entrevista com Guillermo Orozco Gómez. In: Livro Televisão e audiência: enfoque qualitativo. Por Roseli Fígaro. Fonte:Revista Comunicação & Educação, São Paulo, (12): 77 a 88, maio/ago, 1998

FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação: diálogos**. Volume II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, (coleção Educação e Comunicação, volume 12)

FREIRE, Maria Tereza Marins. **O jornal como agente promotor da relação entre comunicação e educação**. Revista de Estudos da Comunicação. Volume 1, nº 2. PUC/PR, setembro, 2000



GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação & Mídias**. Maceió: EDUFAL, 2001

GUARESHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. Edições Loyola, coleção AEC do Brasil, 1986

MELO, José Marque de. (org.) et al. **Educomídia, Alavanca Da Cidadania: O Legado Utopico De Mário Kaplún**. São Bernardo Campo: Cátedra Unesco: Universidade Metodista de São Paulo, 2006

MORAN, José Manuel. **Os meios de comunicação na escola**. Série Idéias n.9. São Paulo: FDE, 1994. p.21-28. Disponível em: [www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c\\_ideias/09\\_021\\_a\\_028.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias/09_021_a_028.pdf). Acesso em: 15 de março de 2007

MORAN, José Manuel. **Educação, comunicação e meios de comunicação**. Série Idéias n.9. São Paulo: FDE, 1994, p. 13 e 17. disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/com\\_1.php?t=001](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/com_1.php?t=001)

PONTUAL, Joana Cavalcante. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999

PORTO, Tania Maria Esperon. Educação para a mídia. Pedagogia da comunicação: caminhos e desafios. In. **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas**. PENTEADO, Heloísa Dupas (Org.). São Paulo: Cortez, 1998

PORTO, Tania Maria Esperon. **A pedagogia da comunicação, desafios e perspectivas**. In: 1º Congress on Communication Educational, 1998, São Paulo. Anais do 1º Congress Communication Educational. São PAulo : Revista de Ciência e tecnologia, 1998. v. 1. p. 1-18.

TREVISANI, Maria de Lourdes Longhini, et al. **Jornal na escola: da informação à opinião esclarecida**. Revista Comunicação e Educação. São Paulo. Ed. Salesiana, 17 a 23, maio/agosto, 1998